

## Editorial

A Revista Brasileira de Agroecologia apresenta este 3<sup>o</sup> volume do 1<sup>o</sup> número de 2008 em um contexto de debates reacesos sobre formas de desenvolvimento. As iminentes eleições municipais colocam em evidência as contendas políticas acerca das formas de desenvolvimento local – e por desdobramento, regional e nacional – numa atmosfera de notícias e eventos ambientais que vêm sendo pontos centrais dos debates em Agroecologia. E, no ambiente das soluções mágicas e de curto prazo, tomam-se os efeitos pelas causas. Sabemos que questões como os agrotóxicos genéricos, reservas indígenas, biocombustíveis, desmatamento ou alta do preço dos alimentos são antes consequências de políticas públicas equivocadas e de projetos sem qualquer lastro de sustentabilidade, do que a causa e/ou solução para a estagnação das economias e degradação social e ambiental.

O fato é que, a postura do Estado brasileiro nas questões ambientais vem sendo deliberadamente irresponsável, e, as meias verdades utilizadas para referendarem essa atitude, apenas reforçam um analfabetismo ecológico que retroalimenta posturas cínicas, senão fragmentadas, características de um ecologismo de ocasião ou oportunista, como no caso dos biocombustíveis. É neste ponto que a formação de redes e a informação responsável assumem papel de vital importância, tanto para a academia, quanto para o público em geral, que

necessita dessa informação para posicionar-se e apresentar demandas claras e precisas.

Para tanto, apresentamos um número diversificado em termos de temas e abordagens. São artigos e resumos que tratam de cultivo consorciado, compostagem, práticas biodinâmicas, saberes tradicionais, biodiversidade, tecnologias, extensão rural e pecuária familiar. Essa diversidade torna evidente que é possível ter a sustentabilidade como elemento articulador das abordagens sobre desenvolvimento, além de demonstrar que não existe um imperativo tecnológico para agroecossistemas, mas soluções locais adaptadas ao ecossistemas. Essa diversidade evidencia que pensar sustentabilidade não é apenas cuidar de árvores e espécies carismáticas, mas atuar, inclusive pesquisando, de maneira dialógica com ambientes complexos e plurais.

Sabemos que a situação geral na qual estamos trabalhando não é a ideal. A recente renúncia da ministra do Meio ambiente – fato que em si é somente mais um evento que em pouco tempo figurará apenas nos manuais de “história política” - criou um mal-estar generalizado, não pela ausência da ministra em si, mas pela inoperância de qualquer política ambiental sustentável no Brasil. Um país que é considerado “um lugar seguro” para investimentos, e que, no mesmo período, bate recordes de desmatamento, deveria envergonhar-se e reavaliar seus projetos. Um país que é campeão mundial em produção de etanol, num contexto de alta do preço

## Editorial

dos alimentos deveria rever seus investimentos. De fato, um país como o Brasil deveria, e pode, ainda, ser diferente. É no intuito de divulgar os caminhos pelos quais isso pode, e deve, ser feito que estamos trabalhando. Uma boa leitura para todos.

Valéria Lemos  
Editora Associada

### Colaboraram com esse número

Alineaurea Silva  
Ana Mitidiero  
Carlos Bonato  
Cristiane Sá  
Décio Cotrim  
Fábio Kessler Dal Soglio  
Fernanda Andrade  
Fernando Silva  
Flávia Charão Marques  
Francisco Câmara  
Gervásio Paulus  
Gustavo Schiedeck  
Jamille Casa  
João Batista Araújo  
João Carlos Canuto  
José Antônio Costabeber  
Luiz de Mendonça Costa  
Luiz Vázquez  
Manuel Riera Nelson  
Márcia Barroso  
Marlon Garrido  
Patrícia Binkowski  
Paulo Gonçalves  
Pedro Boff  
Sérgio Roberto Martins  
Wilson Godoy